

Terena, rejeitado, dá grito de guerra

JBr — A que você atribui esta falta de ajuda, de empenho do Governo na resolução da causa indígena?

Terena — Primeiramente, as pessoas que vieram para o Ministério da Cultura resolverem transformar isto aqui num cabide de empregos. Com isso, por ignorância, os próprios funcionários discriminavam o papel do índio, muitas vezes achando que o Ministério não tinha nada a ver com o índio. Aquele pensamento colonialista, ou seja, quem deve falar do índio é o teórico, o antropólogo, o doutor da universidade, pois o pensamento é: o índio não tem capacidade de administrar. Do ponto de vista do branco, o índio é um inútil.

JBr — Quais foram os motivos que o levaram a pedir demissão?

Terena — Quando fui convidado para ser assessor do ministro José Aparecido, no Ministério da Cultura, havia uma revolta indígena contra o presidente da Funai nomeado pelo então ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, e pensei muito se valeria a pena eu vir para cá e não para a Funai. Aparecido, no entanto, me convenceu de que este espaço poderia servir para valorizar o papel do índio na cultura brasileira, afirmando ser o ministério também uma forma alternativa de luta. Ao longo destes dois anos e meio, cheguei à conclusão de que a cultura indígena contribuiu muito mais para formação deste ministério do que o contrário. Pedimos que o ministério tivesse assento no grupão que trata da liberação das terras indígenas e nada foi feito. Sem terra não há cultura e, como isso não aconteceu e a discriminação continua existindo, preferi então deixar o ministério.

JBr — Sempre houve uma discordância muito grande entre os povos indígenas. Terá sido isto talvez o argumento fundamental para este pensamento?

Terena — Não existe uma liderança única no Brasil. São 180 povos cada um com sua organização e seus líderes. De uma maneira geral criou-se o "bom índio". No entanto, essa diferenciação é unificada na causa comum de todos os índios. Esse argumento nada mais é que uma justificativa dos brancos para continuar exercendo o domínio sobre o índio. Com isso, tanto as multinacionais como pequenos colonizadores continuam invadindo e tomando as terras dos índios.

JBr — Por que toda vez que um Presidente é nomeado para a Funai

com o desagrado dos índios, os Xavantes por exemplo, se portam com bordunas, arco e flecha e tentam invadir e tumultuar a Funai?

Terena — Como é que se dá o primeiro contato com o índio? E deixando um presente. Renato Russo mesmo diz: "Nos deram espelhos". Por que nos deram espelhos? Isto fez com que os índios se transformassem em carentes. Ensinaram para o índio que ele deveria mudar seu comportamento, para quebrar aquela estrutura do índio guerreiro que reivindicava. Este tipo de manifestação nada mais é do que uma reação a todo este adestramento.

JBr — Saindo do Ministério da Cultura, onde você pretende exercer sua luta em favor do índio? Na política?

Terena — Minha candidatura a deputado federal pelo PDT no DF foi nada mais do que uma consequência natural de eu ser um índio mais esclarecido. Notei, contudo, que atrás da atividade política sempre havia a intenção de enganar as pessoas. Não pretendo ser político, mas sim me engajar no projeto do Museu Nacional do Índio a ser construído em Brasília, pelo governador Aparecido, com um projeto de Oscar Niemeyer. Eu analisei muito esta situação, pois é uma oportunidade de nós construirmos um museu intacto de vícios. Não queremos que o museu seja um depósito de papéis velhos, mas que seja uma maneira de conscientizar a sociedade brasileira da questão indígena, uma oportunidade de os próprios índios, inclusive, conhecerem seu passado, recuperar o que perderam no aspecto histórico e cultural. A terra é muito importante para o índio e por isso, antes da construção do museu, vários pajés farão uma pajelança para abençoar a terra onde será construído, o que esperamos que seja o renascimento da cultura e dos valores indígenas no País.

JBr — Vai haver também uma pajelança para tirar o Marcelo Jucá da presidência da Funai?

Terena — O alvo do índio neste ano de 1987 é o Congresso Nacional, a Assembléia Nacional Constituinte, estamos explicando isso a todos os índios. Não adianta pedirmos sucessivas mudanças na presidência da Funai se a estrutura continua a mesma. Com Jucá ou sem Jucá não interessa, o que interessa é sermos reconhecidos e termos nossos interesses respeitados e preservados. Além disso, temos que estar de olho no próprio Executivo, na semana passada, o



“As pessoas que vieram para o Ministério da Cultura resolverem transformar isto aqui num cabide de empregos. O papel do índio passou a ser discriminado.”

Terena — Eu faço parte do movimento indígena no Brasil. Eu sou índio. No dia em que eu quiser criticar a Funai, eu farei sem nenhum constrangimento. Toda vez que se fala do índio a gente usa o termo no pretérito, parece que o índio, para o Estado no futuro, deverá ser transformado num não-índio. Quando me apercebi disso, resolvi deixar o ministério e partir para um trabalho que evitasse que isto aconteça: o Museu Nacional do Índio e a própria Funai, e poder claramente dizer ao presidente Sarney que com seu decreto ele se tornará o primeiro presidente a assumir a discriminação dos índios com os próprios índios. Que ele está "escorregando numa casca de banana".

JBr — Você é candidato às próximas eleições para o Distrito Federal?

Terena — Não.

JBr — Por quê?

Terena — Porque o meu papel é fazer a articulação entre o Planalto, a Funai, o GDF, os municípios. Se eu ficar ligado a um determinado partido, ficarei impedido de exercer esta função. Por exemplo, no partido em que fui candidato nas últimas eleições não há lugar para o índio. Este partido está dominado por uma só pessoa: o senador Maurício Corrêa. O resto para ele é resto. Se um partido quer crescer não pode viver em função de uma pessoa, tem que viver em função de ideais e no Brasil nenhum partido vive disso.

JBr — Recentemente o antropólogo Roberto da Matta chamou Darcy Ribeiro de "gigolô" de índio. Como você encara esta questão? Quem explora quem nesta história?

Terena — Esta é igual a briga do jornal O Estado de S. Paulo e o Cimi. É uma briga de brancos e nesta ideologia de branco a gente não pode se meter. A nossa é de somar esforços e não dividir. É uma briga de estrela e quando há choque de estrelas há uma explosão que às vezes cai aqui na Terra.

JBr — Você acredita que os índios ficaram desacreditados pela população brasileira depois da atuação do cacique Mário Juruna na tribuna da Câmara?

Terena — Dentro do Congresso Nacional ele foi levado pela correnteza do Congresso e ele não soube nadar na maré deles. Para nós índios a experiência do Juruna foi válida, pois poderemos evitar que outros cometam os mesmos erros. Isto, na verdade, foi muito ruim para o povo brasileiro, pois desacreditado dos políticos e carecendo de novas lideranças, poderia ter no índio, com sua pureza, como preencher este vazio.

Durante muito tempo ele fingiu ser japonês para fugir da discriminação à sua raça.

Educado por uma família de protestantes de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, seus valores culturais, até bem pouco tempo, eram os dos brancos. Mariano Justino Marcos Terena, 34 anos, Assessor Índio do Ministério da Cultura (MinC) desde a gestão José Aparecido de Oliveira, resolveu dar um basta: pediu demissão do cargo e parte agora para uma ofensiva pela autonomia do índio no Brasil.

— Só há dez anos descobri que era índio. A partir daí, tudo mudou na minha vida — afirmou Terena.

A mesma serenidade era demonstrada quando manifestava sua descrença no homem branco e a necessidade dos índios se organizarem e lutarem por seus direitos. Segundo Terena, desde a época do general Golbery do Couto e Silva que vinha sendo considerado como um elemento perigoso e que desejavam sua volta à aldeia e ao convívio com os índios.

Mas para Terena, o estopim, que o fez "romper com o sistema", foi o movimento organizado pelo Secretário de Atividade Sócio-Cultural do MinC, Magnus Pereira, que há três meses vem pedindo sua demissão ao Ministro da Cultura, Celso Furtado, com o argumento de que esta função deveria ser exercida por um antropólogo. "Ele é um nepotista, queria colocar em meu lugar sua esposa Ana Lúcia Pereira", reclamou bravo Terena. Em suas acusações, Terena dispara contra todo o Governo Federal a quem acusa de discriminador e alienador do índio brasileiro, mas ele tem um alvo certo: o ministro Celso Furtado, a quem acusa de ser o homem errado no lugar errado.

“No partido pelo qual fui candidato nas últimas eleições não há lugar para índio. Este partido está dominado por uma só pessoa, o senador Maurício Corrêa. O resto para ele é o resto. O meu papel é fazer articulação. Se eu ficar ligado a determinado partido, estarei impedido de exercer essa função.”

